

DA VENCEDORA DO  
PRÊMIO NOBEL  
DE LITERATURA 2015

svetlana  
aleksiévitch

vozes  
de  
tchernóbil

a história oral do  
desastre nuclear

PRÊMIO  NOBEL  
COMPANHIA DAS LETRAS

SVETLANA ALEKSIÉVITCH

# Vozes de Tchernóbil

*Crônica do futuro*

*Tradução do russo*

Sonia Branco

  
PRÊMIO NOBEL  
COMPANHIA DAS LETRAS



Nós somos ar, não somos terra...

Merab Mamardáchvili

## Sumário

Nota histórica

Uma solitária voz humana

Entrevista da autora consigo mesma sobre a história omitida e sobre por que Tchernóbil desafia a nossa visão de mundo

PRIMEIRA PARTE: A TERRA DOS MORTOS

Coro de soldados

SEGUNDA PARTE: A COROA DA CRIAÇÃO

Coro do povo

TERCEIRA PARTE: A ADMIRAÇÃO PELA TRISTEZA

Coro de crianças

Uma solitária voz humana

A título de epílogo

Apêndice — A batalha perdida



Belarús\*... Para o mundo, somos uma terra incógnita — uma terra totalmente desconhecida. “Rússia Branca”: é mais ou menos assim que o nome do nosso país soa em inglês. Já Tchernóbil todos conhecem; no entanto, relacionam-no apenas à Ucrânia e à Rússia. Um dia ainda deveríamos contar a nossa história...

Naródnaia Gazeta, 27 abr. 1996

No dia 26 de abril de 1986, à 1h23min58, uma série de explosões destruiu o reator e o prédio do quarto bloco da Central Elétrica Atômica (CEA) de Tchernóbil, situado bem próximo à fronteira da Belarús. A catástrofe de Tchernóbil se converteu no mais grave desastre tecnológico do século XX.

Para a pequena Belarús (com uma população de 10 milhões de habitantes), o acidente representou uma desgraça nacional, levando-se em conta que ali não havia nenhuma central atômica. Tratava-se de um país agrário com predomínio de populações rurais. Nos anos da Segunda Guerra Mundial, os nazistas destruíram 619 aldeias no país, com toda a sua população. Depois de Tchernóbil, o país perdeu 485 aldeias: setenta delas estão sepultadas sob a terra para sempre. A mortalidade na guerra foi de um para cada quatro bielorrussos; hoje, um em cada cinco vive em

território contaminado. São 2,1 milhões de pessoas, dentre as quais 700 mil crianças. Dentre os fatores de descenso demográfico, a radiação ocupa o primeiro lugar. Nas regiões de Gômel e Moguilióv (as mais afetadas pelo acidente), a mortalidade superou a natalidade em 20%.

As explosões lançaram na atmosfera  $50 \times 10^6$  Ci de radionuclídeos, dos quais 70% caíram sobre a Belarús: 23% do seu território está contaminado por radionuclídeos de densidade superior a 1 Ci/km<sup>2</sup> de cézio-137. Para fins de comparação: a Ucrânia teve 4,8% do seu território contaminado, e a Rússia 0,5%. A superfície das terras cultiváveis que possuem concentração radiativa de 1 Ci/km<sup>2</sup> ou mais representa 1,8 milhão de hectares; de estrôncio-90 com concentração de 0,3 Ci/km<sup>2</sup> ou mais, cerca de 0,5 milhão de hectares. A produção agrícola perdeu 264 mil hectares de terra. A Belarús é um país de bosques, mas 205 deles e mais da metade dos seus prados no leito dos rios Prípiat, Dniepr e Soj se encontram nas zonas de contaminação radiativa.

Em consequência da ação constante de pequenas doses de radiação, a cada ano cresce no país o número de doentes de câncer, de deficientes mentais, de pessoas com disfunções neuropsicológicas e com mutações genéticas.

“Tchernóbil”. Bielarúskaia Entsiklopédia, 1996, pp. 7, 24, 49, 101,  
149

\* \* \*

De acordo com observações diversas, em 29 de abril de 1986 foram registrados altos níveis de radiação na Polônia, na Alemanha, na Áustria e na Romênia; em 30 de abril, na Suíça e no norte da Itália; nos dias 1<sup>o</sup> e 2 de maio, na França, na Bélgica, nos Países Baixos, na Grã-Bretanha e no norte da Grécia; em 3 de maio, em Israel, no Kuwait e na Turquia...

Projetadas a grandes alturas, as substâncias gasosas e voláteis se dispersaram pelo globo: em 2 de maio foram registradas no Japão; no dia 4, na China; no dia 5, na Índia; e em 5 e 6 de maio, nos Estados Unidos e no Canadá.

Em menos de uma semana, Tchernóbil se tornou um problema para o mundo inteiro.

“Consequências do acidente de Tchernóbil na Belarús”. Minsk, Escola Superior Internacional de Radioecologia Sákharov, 1992, p. 82



O quarto reator, cuja instalação denominava-se “Abrigo”, continua guardando nas suas entranhas de chumbo e concreto armado cerca de duzentas toneladas de material nuclear. Entretanto, parte do combustível se misturou ao grafite e ao concreto. O que ocorre atualmente com esse material, ninguém sabe.

O sarcófago foi erigido às pressas; tratava-se de uma construção única no gênero, e os engenheiros de São Petersburgo que a elaboraram devem certamente ter se orgulhado dela. A instalação deveria manter-se em funcionamento por trinta anos. No entanto, montaram-na “à distância”, as pranchas foram unidas com auxílio de robôs e helicópteros e, dessa forma, deixaram fendas. Atualmente, de acordo com alguns dados, a superfície total de zonas defeituosas e fendidas ultrapassa duzentos metros quadrados, por onde continuam a escapar aerossóis radiativos. Se o vento sopra do norte, a atividade radiativa é detectada no sul: urânio, plutônio, célio. Em dias ensolarados é possível ver na sala do reator, com a luz apagada, colunas de luz que caem do teto. O que é isso? A chuva também penetra no reator, e quando a água cai sobre a massa de combustível, torna possível uma reação em cadeia.

O sarcófago é um defunto que respira. Respira morte. Quanto tempo ainda se sustentará? A isso ninguém responde. Até hoje é impossível se aproximar de muitos dos seus blocos e construções para estabelecer o grau de segurança. Porém, todos compreendem que a destruição do “Abrigo” traria consequências ainda mais terríveis que aquelas de 1986.

Ogoniók, n. 17, abr. 1996

Antes de Tchernóbil, havia 82 casos de doenças oncológicas para cada 100 mil habitantes. Hoje a estatística indica que há 6 mil doentes para os mesmos 100 mil habitantes. Os casos multiplicaram-se quase 74 vezes.

A mortalidade nos últimos dez anos cresceu em 23,5%. De cada catorze pessoas, em geral ainda aptas a trabalhar, entre 46 e cinquenta anos, apenas uma morre de velhice. Nas regiões mais contaminadas, as inspeções médicas indicaram que de cada dez pessoas, sete estão doentes. Ao visitar a zona rural, você se assusta com o espaço ocupado por cemitérios...

Até hoje muitas cifras são desconhecidas. São mantidas em segredo, de tão monstruosas que são! A União Soviética enviou para o local da catástrofe 800 mil soldados em serviço de urgência e convocou “liquidadores”.\*\* A média de idade destes últimos era de 33 anos. Os mais jovens saíram da escola diretamente para o serviço.

Só na lista de liquidadores da Belarús contam-se 115 493 pessoas. Segundo dados do Ministério da Saúde, de 1990 a 2003 morreram 8553 liquidadores. Duas pessoas por dia.

Assim começa a história: no ano de 1986, começam a aparecer reportagens sobre o julgamento dos acusados pela catástrofe de Tchernóbil nas primeiras páginas dos jornais soviéticos e estrangeiros.

Mas, agora, imagine um prédio de cinco andares vazio. Uma casa sem moradores, mas com objetos, mobílias e roupas — coisas que ninguém nunca mais poderá usar, porque essa casa fica em Tchernóbil. Pois é justamente numa dessas casas da cidade morta que se realiza uma pequena conferência para a imprensa, oferecida pelas pessoas encarregadas de levar a cabo o julgamento dos acusados pelo acidente atômico. Nas instâncias mais altas do poder, no Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, considerara-se necessário examinar as causas do delito in loco. Na própria cidade de Tchernóbil. O tribunal se constituiu no prédio da Casa da Cultura local. No banco dos réus havia seis pessoas: o diretor da central atômica, Víktor Briukhánov; o engenheiro-chefe, Nikolai Fomín; o substituto do engenheiro-chefe, Anatóli Diátlov; o chefe do turno, Boris Rogóikin; o chefe da seção do reator, Aleksandr Kovaliénko; e o inspetor do Serviço Estatal de Inspeção de Energia Atômica da União Soviética, Iuri Láuchkin.

Os assentos destinados ao público estavam vazios, ocupados apenas por alguns jornalistas. Aliás, já não vivia mais ninguém por lá, a cidade estava “fechada” por ser “zona de controle radiativo severo”. Não seria esse o motivo de terem-na escolhido como local do julgamento? Quanto menos testemunhas, menor o barulho. Não havia operadores de câmara nem jornalistas estrangeiros. Decerto todos gostariam de ver no banco dos réus as dezenas de funcionários de Moscou igualmente responsáveis. E todo o estamento científico, à época do acidente, deveria ter sido obrigado a assumir as suas responsabilidades. Mas se conformaram com a “arraia-miúda”.

Saiu a sentença: Víktor Briukhánov, Nikolai Fomín e Anatóli Diátlov receberam pena de dez anos. Para os outros, as penas foram menores. No final, Anatóli Diátlov e Iuri Láuchkin morreram em consequência da exposição às fortes radiações. O engenheiro-chefe Nikolai Fomín enlouqueceu. Por outro lado, o diretor da central nuclear Víktor Briukhánov cumpriu toda a sentença, todos os dez anos, ao fim dos quais os seus familiares e alguns jornalistas foram recebê-lo. O acontecimento passou despercebido. O ex-diretor vive atualmente em Kíev e trabalha como simples escrevente em uma empresa.

Assim termina a história.

Em breve a Ucrânia empreenderá uma obra de grande envergadura. Sobre o sarcófago que cobriu, em 1986, o quarto bloco destruído da CEA de Tchernóbil, aparecerá um novo abrigo que será designado de “Arca”. Da realização desse projeto participam 28 países doadores, cujas inversões iniciais de capital ultrapassam 768 milhões de dólares. Esse novo abrigo deve durar não trinta, mas cem anos. A grandiosidade da sua construção se deve à necessidade de um volume que possa dar conta dos trabalhos de sepultamento dos resíduos. Serão necessárias fundações colossais, prevendo-se a produção de material rochoso artificial feito à base de colunas e chapas de concreto armado. Em seguida, há que se preparar o depósito para onde serão trasladados os resíduos radiativos extraídos do velho sarcófago. O novo abrigo será confeccionado em aço de alta qualidade, capaz de resistir às radiações gama. Só em metal, serão empregadas 18 mil toneladas.

A “Arca” será uma instalação sem precedentes na história da humanidade. Em primeiro lugar, as suas proporções surpreendem. A dupla cobertura alcançará 1509 metros de altura. E esteticamente se assemelhará à torre Eiffel.

Informações compiladas de publicações bielorrussas na internet entre os  
anos 2002 e 2005

---

\* Denominação oficial da Bielorrússia naquele país. No texto optou-se por empregar a transliteração tanto do bielorrusso (Belarús) como do russo (Bielorrússia). [Esta e as demais notas são do tradutor.]

\*\* Homens encarregados de minimizar as consequências do acidente de Tchernóbil. Convocados ou voluntários, foram responsáveis por apagar o incêndio, construir o sarcófago e enterrar todos os vestígios de radiação.

Não sei do que falar... Da morte ou do amor? Ou é a mesma coisa? Do quê?

Estávamos casados havia pouco tempo. Ainda andávamos na rua de mãos dadas, mesmo quando entrávamos nas lojas. Sempre juntos. Eu dizia a ele “eu te amo”. Mas ainda não sabia o quanto o amava. Nem imaginava... Vivíamos numa residência da unidade dos bombeiros, onde ele servia. No segundo andar. Ali viviam também três famílias jovens, e a cozinha era comunal. Embaixo, no primeiro andar, guardavam os carros, os carros vermelhos do corpo de bombeiros. Esse era o trabalho dele. Eu sempre sabia onde ele estava e o que se passava com ele. No meio da noite, ouvi um barulho. Gritos. Olhei pela janela. Ele me viu: “Feche a persiana e vá se deitar. Há um incêndio na central. Volto logo”.

A explosão, propriamente, eu não vi. Apenas as chamas, que iluminavam tudo... O céu inteiro... Chamas altíssimas. Fuligem. Um calor terrível. E ele não voltava. A fuligem se devia à ardência do betume, o teto da central estava coberto de asfalto. As pessoas andavam sobre o teto como se fosse resina, como depois ele me contou. Os colegas sufocavam as chamas, enquanto ele rastejava. Subia até o reator. Arrastavam o grafite ardente com os pés... Foram para lá sem roupa de lona, com a camisa que estavam usando. Não os preveniram, o aviso era de um incêndio comum...

Quatro horas... Cinco horas... Seis... Nós tínhamos combinado de ir às seis horas à casa dos pais dele, para plantar batatas. Da cidade de Prípiat até a aldeia Sperijie, onde viviam, são quarenta quilômetros. Nós íamos lá semear, arar... Era o

trabalho favorito do meu marido... A mãe dele sempre se lembra de que ela e o pai não queriam deixá-lo ir para a cidade, chegaram a construir uma casa nova. Mas ele foi convocado pelo Exército. Serviu em Moscou nas tropas dos bombeiros e quando voltou só queria ser bombeiro. Nada mais. (Silêncio.)

Às vezes parece que escuto a voz dele... Que está vivo... Nem as fotografias me tocam tanto quanto a voz dele. Mas ele nunca me chama. Nem em sonhos... Sou eu que o chamo...

Sete horas... Às sete horas me avisaram que ele estava no hospital. Corri até lá, mas havia um cordão de policiais em torno do prédio, ninguém passava. As ambulâncias chegavam e partiam. Os policiais gritavam: “Os carros estão com radiação, não se aproximem”. Eu não era a única, todas as mulheres cujos maridos estavam na central naquela noite vieram correndo, todas. Quando vi saltar de um carro uma conhecida que trabalhava como médica no hospital, corri e a segurei pelo jaleco:

“Me deixe entrar!”

“Não posso! Ele está mal. Todos estão mal.”

Agarrei-a com força:

“Só quero ver o meu marido.”

“Está bem”, ela disse. “Vamos correr. Mas só por quinze, vinte minutos.”

Eu o vi... Estava todo inchado, inflamado... Os olhos quase não apareciam...

“Ele precisa de leite. Muito leite!”, ela me disse. “Eles devem beber ao menos três litros.”

“Mas ele não bebe leite.”

“Agora vai ter de beber.”

Muitos médicos, enfermeiras e, sobretudo, as auxiliares daquele hospital, depois de algum tempo, começaram a adoecer. Mais tarde morreriam. Mas na época ninguém sabia disso...

Às dez horas da manhã morreu o técnico Chichenok... Foi o primeiro... No primeiro dia... Logo soubemos de outro que tinha ficado debaixo dos escombros, Valera Khodemtchuk. Não conseguiram retirá-lo, foi emparedado no concreto. Mas ainda não sabíamos que estes seriam apenas os primeiros.

Perguntei:

“Vássienka, o que é que eu faço?”

“Vá embora daqui! Vá embora! Você vai ter um filho.”

Eu estava grávida. Mas como deixá-lo? Ele suplicava:

“Vá embora! Salve a criança!”

“Primeiro eu vou te trazer leite, depois decidimos.”

Então, a minha amiga Tânia Kibénok chegou... O marido também estava nessa mesma enfermaria. Ela veio com o pai de carro e partimos juntas para a aldeia mais próxima, que ficava a uns três quilômetros da cidade. Compramos

várias garrafas de três litros de leite. Umas seis garrafas, que dessem para todo mundo... Mas o leite provocou vômitos terríveis, eles perdiam os sentidos, e por isso os puseram no soro. Os médicos, por algum motivo, nos afirmavam que eles tinham se envenenado com gases, ninguém falava em radiação.

No entanto, a cidade ficou lotada de veículos militares, todas as estradas foram fechadas. Havia soldados por toda parte. Os trens regionais e expressos pararam de circular. As ruas eram lavadas com uma espécie de pó branco... Fiquei assustada: como iria, no dia seguinte, à aldeia comprar leite fresco? Ninguém falava em radiação, só os militares circulavam com máscaras respiratórias... As pessoas compravam os seus pães, saquinhos com doces e pastéis nos balcões... A vida cotidiana prosseguia. Só que... as ruas eram lavadas com uma espécie de pó...

À noite, já não me deixaram entrar no hospital. Havia um mar de gente ao redor... Fiquei em pé debaixo da janela da enfermaria; ele se aproximou e gritou alguma coisa para mim. Parecia desesperado! Alguém na multidão entendeu o que ele disse: seriam levados àquela noite para Moscou. Todas nós, esposas, nos juntamos. Decidimos: vamos com eles. “Que nos deixem ir com os nossos maridos! Vocês não têm direito!” Lutamos, nos atracamos com os soldados, que já haviam formado um cordão duplo e nos empurravam. Foi então que um médico surgiu e confirmou que os doentes seriam levados de avião para Moscou, e que era preciso roupas para eles, pois as usadas na central haviam sido queimadas. Os ônibus já não circulavam, então atravessamos a cidade correndo. Quando finalmente voltamos com as sacolas, o avião já tinha partido. Fomos enganadas de propósito. Para evitar que gritássemos, que chorássemos...

Noite... De um lado da rua havia muitos ônibus, centenas de ônibus (já preparavam a cidade para a evacuação), e do outro centenas de carros de bombeiro, que haviam sido trazidos de toda parte. A rua inteira estava coberta por uma espuma branca, e nós caminhávamos por ela... Gritando e praguejando...

Pelo rádio, éramos advertidos da necessidade de evacuar a cidade dentro de três a cinco dias, que levássemos conosco agasalhos e roupas esportivas, que iríamos viver nos bosques. Em barracas. As pessoas chegaram a se alegrar: “Vamos à natureza! Vamos comemorar o feriado de Primeiro de Maio”. Algo incomum. Prepararam carne assada, compraram vinho. Levaram violões, toca-fitas. Adoráveis festas de maio. Só as mulheres que tiveram os maridos vitimados choravam.

Não me recordo da viagem... Só despertei quando vi a mãe dele: “Mãe, Vássia está em Moscou! Foi levado num voo especial!”.

Terminamos de semear a horta: batatas, repolho (e daí a uma semana a aldeia seria evacuada!). Quem poderia saber? Quem poderia então saber? À noite, tive um ataque de vômito. Estava no sexto mês de gravidez, me sentia tão mal... Durante a madrugada, sonhei que ele me chamava, ainda estava vivo, me chamava em sonho: “Liúcia! Liúciénka!”. Mas depois que morreu, não me chamou nem uma

vez. Nem uma vez... (Chora.) Levantei cedo com a ideia de ir sozinha a Moscou... “Aonde você vai desse jeito?”, chorava a mãe dele. Encontramos seu pai no caminho: “Deixe que eu a acompanhe”. E tirou de uma caderneta o dinheiro que possuía. Todo o dinheiro.

Não me recordo da viagem, nem lembro qual foi o caminho que fizemos... Em Moscou, perguntamos ao primeiro policial que encontramos para que hospital tinham sido transferidos os bombeiros de Tchernóbil, e ele nos respondeu; eu até me surpreendi, porque nos haviam assustado: seria um segredo de Estado, totalmente secreto.

“Para a clínica número 6, na Schúkinskaia.”

Nesse hospital, que era uma clínica especial de radiologia, era proibido entrar sem autorização. Ofereci dinheiro ao vigia, que me disse: “Entre”. Disse também a qual andar eu deveria me dirigir. Não sei a quem mais tive de suplicar, implorar... mas, por fim, cheguei ao gabinete da chefe de seção de radiologia, Anguelina Vassilievna Guskova. Até então eu ainda não sabia como ela se chamava, não conseguia pensar em nada. A única coisa que eu sabia é que tinha de ver, encontrar o meu marido...

Ela imediatamente me perguntou: “Querida! Pobrezinha... Você tem filhos?”.

Como dizer a verdade? Estava claro que eu devia esconder a minha gravidez, ou não me deixariam vê-lo! Ainda bem que eu era muito magra e não se notava nada.

“Tenho”, respondi.

“Quantos?”

Eu pensei: “É melhor dizer dois. Se disser um, talvez não passe”.

“Um menino e uma menina.”

“Se são dois, então, creio que não terá mais. Agora escute: o sistema nervoso central foi completamente atingido, a medula está totalmente afetada.”

“Bem”, pensei, “ele deve estar mais nervoso.”

“Mais uma coisa: se você chorar, eu a retiro de lá imediatamente. É proibido abraçar e beijar. Não se aproxime muito. Você tem meia hora.”

Mas eu sabia que não iria embora dali. Só iria com ele. Eu havia jurado a mim mesma!

Entrei... Os rapazes estavam sentados na cama, jogando cartas e rindo.

“Vássia!”, gritei.

“Ô, meu pai, estou perdido! Até aqui ela me encontra!”

Ele estava engraçado, vestia um pijama número 48, quando o seu número era 52. As mangas e as calças estavam curtas. O inchaço do rosto havia regredido, e estavam lhe injetando alguma solução.

“Por que perdido?”, perguntei.

Ele quis me abraçar.

“Fique aí sentado”, disse o médico, impedindo que se aproximasse de mim.

“Nada de abraços aqui.”

Não sei por quê, mas tomamos isso como brincadeira. E nesse momento todos se aproximaram de nós, vieram também de outros quartos. Eram todos nossa gente. De Pripiat. Ao todo, 28 pessoas foram trazidas de avião. “O que está acontecendo por lá? Como estão as coisas na nossa cidade?” Eu respondi que ela estava começando a ser evacuada, que tinham levado as pessoas para fora da cidade por três ou cinco dias. Os rapazes ficaram em silêncio; havia duas mulheres, uma delas estava de guarda no dia do acidente e chorou:

“Meu Deus! Os meus filhos estão lá. O que será deles?”

Eu queria ficar a sós com o meu marido, nem que fosse por uns minutinhos. Os rapazes perceberam isso, arrumaram pretextos e saíram para o corredor. Eu então o abracei e beijei. Ele se afastou:

“Não fique perto de mim. Pegue uma cadeira.”

“Tudo isso é bobagem”, respondi, dando de ombros. “Você viu o local da explosão? O que aconteceu? Vocês foram os primeiros a chegar lá...”

“É claro que foi sabotagem. Alguém fez de propósito. Todos os rapazes são dessa opinião.”

Então era isso que diziam. E acreditavam.

No dia seguinte, quando cheguei, eles estavam alojados cada um num quarto, separados. Tinham proibido categoricamente que saíssem até o corredor. E que falassem entre si. Mas eles se comunicavam por batidas na parede: ponto-traço, ponto-traço... Ponto... Os médicos justificaram a separação dizendo que cada organismo reage de maneira diferente às doses de radiação: o que um suporta, outro pode não suportar. No quarto em que eles estavam antes, até as paredes reagiam ao contador Geiger. À direita, à esquerda, e no andar de baixo... Todos foram tirados dali. Esvaziaram os espaços abaixo e acima deles...

Passei três dias na casa de conhecidos em Moscou. Eles me diziam: pegue panelas, tigelas, tudo de que precisar, não se acanhe. Assim é que eram essas pessoas... Assim é que eram! Eu fazia sopa de peru para seis pessoas. Seis dos nossos rapazes... Os bombeiros... Do mesmo turno... Todos eles estavam de plantão naquela noite: Vashchuk, Kibénok, Titiónok, Pravik, Tischúra. Comprei escovas, pasta de dentes e sabonetes para todos. Não havia nada disso no hospital. Comprei toalhas pequenas... Hoje fico impressionada com aqueles amigos que aceitaram me receber; eles, evidentemente, temiam o contágio, não podia ser diferente, já corria todo tipo de rumores, mas, apesar disso, estavam dispostos a me ajudar: “Pegue tudo o que for necessário. Pegue! Como ele está? Como estão todos? Eles vão viver?”. Viver... (Silêncio.)

Naqueles dias encontrei muitas pessoas solidárias, não me lembro de todas. E o meu mundo se reduziu a um único ponto... Ele... Apenas ele... Eu me lembro de uma enfermeira auxiliar mais velha que começou a me preparar: “Algumas enfermidades não se curam. Você deve sentar ao lado dele e acariciar a sua mão”.



De manhã cedo eu ia ao mercado e voltava para preparar a sopa dos rapazes. Tinha de limpar as carnes e os legumes, esfarelar e repartir em porções. Um deles me pediu: “Traga uma maçã”. Seis jaras com meio litro de sopa... Sempre seis! No hospital, eu ficava até o anoitecer. E à noite, voltava para o outro lado da cidade. Por quanto tempo eu resistiria? Mas depois de três dias me ofereceram ficar no hotel destinado ao pessoal do hospital, na área do próprio hospital. Deus, que felicidade!

“Mas lá não tem cozinha. Como posso preparar as refeições deles?”

“Você não precisa preparar mais nada. O estômago deles parou de absorver alimentos.”

O meu marido começou a mudar; cada dia eu via nele uma pessoa diferente... As queimaduras saíam para fora... Na boca, na língua, nas maçãs do rosto; de início eram pequenas chagas, depois iam crescendo. As mucosas caíam em camadas, como películas brancas. A cor do rosto, a cor do corpo... Azulada... Avermelhada... Cinza-escuro... E, no entanto, tudo nele era tão meu, tão querido! É impossível contar! Impossível escrever! E mesmo sobreviver... O que salvava era que tudo acontecia de maneira instantânea, de forma que não dava tempo de pensar, não dava tempo de chorar.

Eu o amava! Eu ainda não sabia como o amava! Tínhamos nos casado havia tão pouco tempo... Ainda não tínhamos tido tempo de nos saciar um do outro... Andávamos na rua, ele me tomava nos braços e me girava. E me beijava, beijava. As pessoas passavam por nós e sorriam.

O processo clínico de uma doença aguda do tipo radiativo dura catorze dias.

No 14<sup>o</sup> dia, o doente morre.

No primeiro dia que passei no hotel, os dosimetristas já mediram os meus níveis. A roupa, a bolsa, o porta-moedas, os sapatos, tudo “ardiu”. Levaram tudo. Até a roupa de baixo. Só não tocaram no dinheiro. Em troca, deixaram uma bata de hospital tamanho 56, apesar de eu vestir 44; e sapatos 43, em vez dos meus 37. Disseram que talvez pudessem devolver a roupa, talvez não, porque dificilmente se poderia “limpar”. Foi desse jeito que eu apareci para ele. Ele se assustou:

“Minha nossa, o que houve com você?”

Apesar de tudo, eu dava um jeito de preparar a sopa. Punha uma jarra de vidro no aparelho de ferver água e jogava ali pedacinhos de frango, bem pequeninhos. Depois alguém me emprestou uma panela, acho que foi a faxineira ou a auxiliar. Alguém conseguiu uma tábua de cortar verduras. Eu não podia ir ao mercado com a roupa do hospital, mas alguém sempre me trazia verduras. Era tudo em vão, ele já não conseguia beber, nem mesmo engolir um ovo cru. E eu que estava sempre tentando conseguir alguma coisa apetitosa! Achava que isso poderia ajudar.

Um dia, fui até o correio:

“Moça, eu preciso ligar com urgência para os meus pais em Ivano-Frankovsk. O meu marido está morrendo.”

Por alguma razão, adivinharam do que se tratava e imediatamente fizeram a ligação. O meu pai, a minha irmã e o meu irmão voaram para Moscou no mesmo dia. Trouxeram as minhas coisas e dinheiro.

Isso foi no dia 9 de maio... Ele sempre me dizia: “Você não imagina como Moscou é bonita! Principalmente no Dia da Vitória, com os fogos de artifício. Quero que você veja”.

Sentei perto dele, que abriu os olhos:

“É dia ou noite?”

“Nove da noite.”

“Abra a janela! Os fogos vão começar!”

Eu abri a janela. Estávamos no oitavo andar, toda a cidade ali diante de nós! Um buquê de luzes subiu ao céu.

“Olhe, então é isso!”

“Eu prometi que iria te trazer a Moscou. Prometi que nos dias de festa te daria flores, por toda a vida...”

Olhei para ele e vi que puxava de debaixo do travesseiro três cravinhos. Tinha dado dinheiro à enfermeira para comprá-los...

Aproximei-me dele e o beijei:

“Meu amor! Minha vida!”

Ele protestou:

“O que foi que o médico disse? Você não pode me abraçar! Não pode me beijar!”

Fui proibida de abraçar, de acariciar o meu marido... Mas eu... Era eu que o apoiava e o sentava na cama. Era eu que trocava os lençóis, tirava a temperatura, levava e trazia a comadre... Eu que o limpava... Passava todas as noites ao lado dele. Vigiava cada um dos seus movimentos, dos seus suspiros. Apesar de eu estar no corredor e não no quarto... Um dia, senti a minha cabeça girar e me agarrei ao peitoril da janela. Nesse momento um médico passou e me segurou pela mão. Perguntou-me de supetão:

“Você está grávida?”

“Não, não!”

Tinha tanto medo que nos tivessem ouvido.

“Não minta”, suspirou ele.

Senti-me tão perdida que nem me ocorreu contestar.

No dia seguinte, fui chamada pela médica-chefe:

“Por que você me enganou?”, perguntou, em tom severo.

“Eu não tinha saída. Se dissesse a verdade, me mandariam para casa. Foi uma mentira piedosa!”

“Você não vê o que fez?”

“Sim. Mas estou com ele...”

“Pobrezinha! Pobrezinha...”

Serei grata por toda a vida a Anguelina Vassilievna Guskova. Toda a vida!

Outras esposas também vieram, mas não permitiram que elas entrassem. Apenas as mães deles estavam comigo, às mães a entrada era permitida. A mãe de Volódia Pravik não parava de rogar a Deus: “Leve a mim, Senhor!”.

O professor norte-americano dr. Gale — o médico que lhe fez a operação de transplante de medula — procurava me consolar: existe uma esperança; pequena, mas existe. Um organismo tão vigoroso, um rapaz tão forte! Chamaram a família do meu marido. Duas irmãs vieram da Belarús e um irmão veio de Leningrado, onde cumpria serviço militar. A pequena Natacha de catorze anos chorava muito, estava assustada. Mas a medula dela era a melhor de todas. (Silêncio.) Agora posso falar sobre isso... Antes não podia. Eu me calei por dez anos... Dez anos... (Silêncio.)

Quando ele soube que a medula seria doada pela irmãzinha mais nova, recusou com veemência:

“Prefiro morrer. Não toquem em Natacha, ela é pequena.”

A irmã mais velha, Liúda, tinha 28 anos, era enfermeira e sabia do que se tratava. “Que se faça o necessário para ele viver”, disse ela. Eu assisti à operação. Os dois estavam deitados lado a lado em duas mesas... Havia uma grande janela no centro cirúrgico. A operação durou duas horas... Quando terminou, Liúda estava pior que ele, tinha no peito dezoito injeções, saiu com dificuldade da anestesia. Ainda hoje continua doente, aposentaram-na por invalidez... Era uma moça bonita e forte. Não se casou...

Eu corria de um quarto a outro, para ajudar os dois. Ele já não estava no mesmo quarto, mas numa câmara hiperbárica especial, atrás de uma cortina transparente, onde era proibido entrar. Havia uns instrumentos especiais para, sem atravessar a cortina, aplicar as injeções e pôr os cateteres. Tudo era feito com ventosas e tenazes que eu aprendi a manipular. Tirar de um ponto e levar até ele... Perto da sua cama havia uma cadeirinha.

Ele estava tão mal que eu não ousava sair dali nem por um minuto. Chamava o meu nome constantemente: “Liúcia, onde você está? Liúcienka!”. Chamava, chamava sem parar....

As outras câmaras hiperbáricas em que os nossos rapazes estavam eram cuidadas por alguns soldados, porque os auxiliares civis se recusaram a fazê-lo, exigiam roupas isolantes. Os soldados transportavam as comadres. Limpavam o chão, trocavam os lençóis, faziam toda a faxina. De onde surgiram aqueles soldados? Não perguntei. Para mim só havia ele. Ele... E todo dia eu ouvia: “morreu, morreu...”. “Morreu Tischúra.” “Morreu Titiónok.” “Morreu...” Isso me martelava a cabeça.

Ele evacuava 25, trinta vezes por dia. Com sangue e mucosidade. A sua pele começava a rachar nas mãos e nos pés. O corpo ficou coberto de furúnculos. Quando ele virava a cabeça, caíam chumaços de cabelo sobre o travesseiro. E tudo isso era

tão meu. Tão querido... Eu tentava gracejar:

“É mais cômodo. Assim, você não precisa mais de pente.”

Logo cortaram os cabelos de todos. Eu mesma cortei o dele. Eu sempre queria fazer tudo por conta própria. Se eu aguentasse fisicamente, ficaria 24 horas ao lado dele. Eu lamentava perder qualquer minuto que fosse... qualquer tempinho, me doía perder... (Cobre o rosto com as mãos e silencia.)

O meu irmão veio e se assustou:

“Não vou te deixar voltar mais lá!”

E o meu pai disse a ele:

“Essa aí, você não vai deixar? Ela é capaz de se esgueirar pela janela! Pela escada de incêndio!”

Um dia me ausentei. Ao voltar, vejo sobre a mesa uma laranja grande. Não amarela, mas rosada. Ele sorri:

“Ganhei de presente. Pegue para você.”

A enfermeira me faz um sinal através da cortina para não comer. Uma vez que ficou algum tempo ao seu lado, não é que não se possa comer, é que até tocar é uma temeridade.

“Venha comer”, pede ele. “Você adora laranja.”

Eu peguei a laranja. Nesse momento, ele fechou os olhos e adormeceu. Tomava constantes injeções para dormir. Narcóticos. A enfermeira me olhava horrorizada... E eu? Eu estava decidida a fazer de tudo para que ele não pensasse na morte. Nem no que havia de terrível na sua doença, nem que eu sentia medo dele.

Há um fragmento de uma conversa... Agora me veio à lembrança. Alguém tentava me convencer:

“Você não deve se esquecer de que isso que está na sua frente não é mais o seu marido, a pessoa que você ama, mas um elemento radiativo com alto poder de contaminação. Não seja suicida. Recobre a sensatez.”

Mas eu estava como louca:

“Eu te amo! Eu te amo!”

Enquanto ele dormia, eu sussurrava: “Eu te amo!”. Caminhava no pátio do hospital: “Eu te amo!”. Levava a comadre: “Eu te amo!”. Ficava me lembrando de como vivíamos antes, da nossa casa... Ele só dormia segurando a minha mão. Tinha esse hábito, pegar no sono segurando a minha mão. A noite toda.

E no hospital, era eu que segurava a mão dele e não largava.

Certa noite, tudo estava silencioso. Estávamos sós. Ele olhava para mim longamente e de repente disse:

“Como eu queria ver o nosso filho. Como será que ele vai ser?”

“E como vamos chamá-lo?”

“Bem, é você que vai decidir.”

“Por que eu, se nós somos dois?”

“Então, se for menino, pode ser Vássia, e se for menina, Natachka.”

“Por que Vássia? Eu já tenho um Vássia. Você! Não preciso de outro.”

Eu ainda não sabia como o amava! Ele... Só ele... Estava cega! Eu nem sentia os golpezinhos embaixo do coração, embora já estivesse no sexto mês de gravidez. Eu pensava que a pequena dentro de mim estaria protegida, a minha filhinha. A minha pequena...

Nenhum médico sabia que à noite eu dormia com ele na câmara hiperbárica, nem lhes passava pela cabeça. As enfermeiras consentiam. No início queriam me convencer:

“Você é jovem. O que está inventando? Isso já não é um homem, é um reator nuclear. Vão queimar os dois.”

Mas eu corria atrás delas como um cachorrinho. Ficava uma hora de pé na frente da porta. Pedia, implorava. E finalmente elas me diziam: “Ao diabo! Você não é normal”.

Pela manhã, antes das oito, quando a ronda médica começava, elas me faziam sinais através da cortina: “Corra!”. E eu corria para o hotel. E das nove da manhã às nove da noite eu tinha salvo-conduto. As minhas pernas ficaram azuladas até o joelho, inchadas de cansaço. A minha alma era mais forte que o meu corpo. O meu amor...

Enquanto eu estava com ele, não faziam isso... Mas quando eu saía, eles o fotografavam. Sem roupa. Pelado. Apenas um lençol fino o cobria. Eu trocava o lençol todos os dias, mas à noite já estava todo ensanguentado. Quando eu o levantava, pedaços de pele grudavam nas minhas mãos. Eu suplicava: “Querido! Ajude-me! Apoie-se no braço, no cotovelo, o quanto puder, para que eu possa arrumar o lençol, puxar a costura, as pregas”. Qualquer costura feria a sua pele. Cortei as minhas unhas até sangrar, para não machucá-lo. Nenhuma das enfermeiras tinha coragem de se aproximar dele, de tocá-lo. Se era preciso fazer algo, elas me chamavam. E eles... Eles fotografavam... Para a ciência, diziam. Queria poder expulsá-los todos de lá! Queria poder gritar! Como se atreviam! Se eu pudesse, não deixaria que entrassem. Se eu pudesse...

Fui do quarto até o corredor me apoiando nas paredes. Tateei até uma poltrona, porque não enxergava nada. Parei em frente à enfermeira auxiliar e disse:

“Ele está morrendo.”

Ela respondeu:

“E o que você esperava? Ele recebeu 1600 roentgen, quando a dose mortal é de quatrocentos roentgen.”

Ela também sentia pena, mas de outra maneira. Para mim, ele era tudo o que eu tinha, o que eu mais amava.

Depois que todos morreram, o hospital foi reformado. Rasparam as paredes, arrancaram o assoalho, tudo que fosse de madeira.

Por fim, a última coisa. Lembro disso em fragmentos, tudo se desvanece...

À noite, sentei-me na cadeira ao lado dele. Às oito da manhã, falei:

“Vássienka, vou sair um instante. Vou descansar um pouquinho.”

Ele abriu e fechou os olhos, e então me soltou. Assim que cheguei ao hotel, ao meu quarto, deitei no chão, era impossível deitar na cama, o meu corpo todo doía, mas logo uma enfermeira auxiliar bateu à porta:

“Vá! Corra! Ele está te chamando feito um louco!”

Mas nessa manhã, Tânia Kibénok havia me suplicado: “Venha comigo ao cemitério. Sem você, eu não vou conseguir”. Naquela manhã estavam enterrando o marido dela, Vítia Kibénok, e também Volódia Pravík. Nós éramos muito amigos do casal, vivíamos como uma família. Um dia antes da explosão, nos fotografamos todos juntos na residência dos bombeiros, onde morávamos. Como eles estavam bonitos, os nossos maridos! E alegres! O último dia daquela nossa vida, antes de Tchernóbil... Como éramos felizes!

Ao voltar do cemitério, chamei logo a enfermeira:

“Como ele está?”

“Morreu há quinze minutos.”

Como? Eu estive com ele a noite toda. Só me afastei por três horas! Apoiei-me à janela e gritei:

“Por quê? Por quê?”

Olhei para o céu e gritei. Todos no hotel ouviram... Tinham medo de se aproximar de mim. Então, me recompus e pensei: “É a última vez que o verei! Vou vê-lo!”. Desci a escada, tropeçando... Ele ainda estava na câmara hiperbárica, não o haviam levado. As últimas palavras dele foram: “Liúcia! Liúciénka!”.

“Acaba de partir. Agora mesmo”, tentou me acalmar a enfermeira.

Ele suspirou e silenciou.

Eu não me afastei mais dele. Fui com ele até o túmulo, embora me recorde não do ataúde, mas de um saco de polietileno. Esse saco... No necrotério, perguntaram: “Quer que lhe mostremos como vamos vesti-lo?”. “Quero!” Vestiram-lhe um traje de gala e puseram o seu quepe sobre o peito. Não calçaram sapatos, pois os pés estavam inchados. Eram bombas em vez de pés. O traje de gala também foi cortado, não era possível esticá-lo, o corpo estava se desfazendo. Todo ele era uma chaga sanguinolenta.

No hospital, nos últimos dias, eu levantava a mão dele e os ossos se moviam, dançavam, se separavam da carne. Saíam pela boca pedacinhos do pulmão, do fígado. Ele se asfixiava com as próprias vísceras. Eu envolvia a minha mão com gaze e a enfiava na boca dele para retirar tudo aquilo... É impossível contar isso! É impossível escrever sobre isso! E sobreviver... E tudo isso era tão querido... Tão meu... Nenhum número de sapato serviria... Puseram-no descalço no ataúde.

Sob os meus olhos, vestido de gala, meteram-no dentro de um saco plástico, que ataram. E esse saco foi posto no ataúde de madeira. E o ataúde também foi envolvido por outro saco. Um celofane transparente, mas grosso como uma lona. E puseram tudo isso num féretro de zinco, tiveram que forçar. O quepe ficou por cima.

Vieram todos. Os pais dele, os meus pais. Compraram lenços pretos em Moscou. Fomos recebidos por uma comissão extraordinária. Falavam a todos sempre a mesma coisa: “Não podemos entregar o corpo dos seus maridos, dos seus filhos, são muito radiativos, serão enterrados de uma maneira especial num cemitério de Moscou. Em féretro de zinco soldado, sob pranchas de concreto. E vocês devem assinar este documento. É necessário o seu consentimento”. E se alguém, indignado, queria levar o ataúde para casa, convenciam-no de que se tratava de heróis, diziam que já não pertenciam às suas famílias. Que eram personalidades. Pertenciam ao Estado.

Subimos para o ônibus funerário. Os familiares e alguns militares. Um coronel com um rádio. Pelo rádio se ouvia: “Esperem as nossas ordens! Esperem!”. Rodamos duas ou três horas por Moscou, seguimos por vias circulares. Voltamos a Moscou. Pelo rádio, diziam: “Não podem entrar no cemitério. Está rodeado de correspondentes estrangeiros. Esperem mais um pouco”. Os familiares estavam calados. Mamãe estava com um lenço preto.

Sinto que vou perder a consciência. Tenho um ataque de histeria: “Por que estão escondendo o meu marido? O que ele é? Um assassino? Um criminoso? Presidiário? Quem está sendo enterrado?”. A minha mãe diz: “Calma, calma, filhinha”. Ela segura o meu rosto e o acaricia.

O coronel informa pelo rádio: “Solicito permissão para me dirigir ao cemitério. A esposa está com ataque de histeria”.

No cemitério, fomos rodeados por soldados. Seguimos sob escolta. O ataúde seguiu sob escolta. Não deixavam ninguém passar para se despedir, apenas os familiares. Cobriram-no de terra rapidamente. “Rápido! Rápido!”, o oficial ordenava. Nem nos deixaram abraçar o ataúde.

E tivemos de voltar correndo para o ônibus.

Imediatamente compraram e nos trouxeram as passagens de volta para casa. Já para o dia seguinte. O tempo todo esteve conosco um homem vestido de civil, mas com porte militar, que não nos permitia nem sair do quarto e comprar comida para a viagem. Temia que falássemos com alguém, sobretudo eu. Como se naquele momento eu pudesse falar! Nem chorar eu podia.

A funcionária do hotel, à nossa saída, contou todas as toalhas e lençóis. Enfiou tudo num saco de polietileno. Com certeza os queimou. Nós pagamos pelo hotel. Por catorze dias.

O processo clínico das doenças radiativas dura catorze dias. Depois de catorze dias, as pessoas morrem.

Assim que cheguei em casa, adormeci profundamente. Entrei e desmorenei na cama. Dormi três dias, ninguém conseguia me acordar. Chamaram o pronto-socorro. O médico disse: “Não, ela não morreu. Ela vai acordar. É uma espécie de sono terrível”.

Eu tinha 23 anos...

Eu me lembro de um sonho... Nele, a minha avó já falecida vem me ver, com a mesma roupa que a enterramos. Ela está enfeitando um pinheiro. “Vovó, por que temos um pinheiro? Não é verão?” “Porque deve ser assim. O teu Vássienka logo estará aqui comigo.” E ele, que cresceu no bosque...

Em outro sonho, Vássia chegava de branco e chamava por Natacha. A nossa filhinha, que ainda não tinha nascido. No sonho ela já era grande e eu me perguntava, assombrada, quando é que ela havia crescido tanto. Ele a lançava para cima, no ar, e os dois riam... Eu olhava para eles e pensava que a felicidade é simplesmente isso. Simplesmente isso.

Tive mais um sonho: nós dois andávamos pela água. Andamos muito, muito tempo... Ele pedia que eu não chorasse. Dava sinais de lá... De cima. (Longo silêncio.)

Depois de dois meses, voltei a Moscou. Da estação de trem para o cemitério, para vê-lo. E ali, no cemitério, começaram as contrações. Logo que comeci a falar com ele... Chamaram a ambulância. Eu lhes dei o endereço do hospital. Dei à luz ali mesmo, com a mesma médica, Anguelina Vassilievna Guskova. Ela tinha me dito: “Venha fazer o parto conosco”. E para onde mais eu iria? Dei à luz duas semanas antes do previsto.

Me mostraram... Uma menina...

“Natáchenka! Papai te deu o nome de Natáchenka”, eu disse.

Pelo aspecto, parecia um bebê saudável. Bracinhos, perninhas... Mas tinha cirrose. No fígado havia 28 roentgen, e uma lesão congênita no coração. Depois de quatro horas, me disseram que ela tinha morrido. E me falaram de novo: “Nós não vamos te dar o corpo dela”. “Como não vão me dar o corpo?! Sou eu que não o darei a vocês! Vocês querem tomar a minha filha para a ciência, pois eu odeio a sua ciência! Odeio! A sua ciência já levou o meu marido e agora quer mais... Não darei! Eu mesma a enterrarei. Ao lado dele...” (Passa a falar em sussurros.)

Não consigo dizer o que quero, não com palavras... Depois do ataque do coração, não posso gritar. Nem chorar. Mas eu quero... Quero que saibam... Ainda não confessei a ninguém... Quando me recusei a entregar a minha filhinha, a nossa filhinha... Então trouxeram uma caixinha de madeira: “Aqui está ela”. Olhei: ela estava envolvida em panos. Ela jazia envolta em panos. Eu então chorei.

“Ponham-na aos pés do meu marido. Digam que é a nossa Natáchenka.”

Ali, na tumba, não está escrito Natália Ignátienko. Há só o nome dele. Ela não teve nome, não teve nada, apenas alma... E foi ali que eu enterrei a sua alma.

Sempre que os venho ver, trago dois buquês: um para ele, o segundo eu ponho num cantinho para ela. Eu me arrasto de joelhos pela tumba, sempre de joelhos... (De maneira desconexa.) Eu a matei... Fui eu... Ela... Ela me salvou... A minha filhinha me salvou. Recebeu todo o impacto radiativo, foi uma espécie de receptor desse impacto. Tão pequenininha. Uma bolinha. (Suspira.) Ela me salvou. Mas eu amava os dois. Será... Será possível matar com o amor? Com um amor como esse!



Por que andam juntos, amor e morte? Estão sempre juntos. Alguém pode explicar? Alguém tentaria? Eu me arrasto sobre a tumba de joelhos... (Longo silêncio.)

Recebi um apartamento em Kiev. Num grande edifício onde hoje vivem os que foram evacuados da central atômica. Todos eles são conhecidos. O apartamento é grande, com dois quartos, como eu e Vássia tínhamos sonhado. Mas ali eu ficava louca! Em todo lugar, olhasse para onde olhasse, lá estava ele. Os seus olhos... Decidi reformar, qualquer coisa para não ficar parada, qualquer coisa para não pensar. E assim se passaram dois anos.

Certo dia, tive um sonho. Nós caminhávamos, mas ele estava descalço. “Por que você está sempre descalço?” “Porque eu não tenho nada.” Fui à igreja, o padre me disse: “Compre sapatos grandes e deposite sobre o túmulo de algum defunto. Escreva que é para Vássia”. Assim fiz. Fui a Moscou e imediatamente me dirigi a uma igreja. Em Moscou estava mais perto dele, porque ele está lá, no cemitério Mítinski. Expliquei a um clérigo o que acontecia, que precisava fazer chegar os sapatos ao meu marido. Ele me pergunta: “E você sabe como deve fazer isso?”. Então me explica mais uma vez... Justo nesse momento, trazem um ancião defunto para as orações. Eu me aproximo do ataúde, levanto o véu e ponho ali os sapatos. “E a nota, você escreveu?” “Sim, escrevi, mas sem indicar o cemitério onde está enterrado.” “Lá, estão todos no mesmo mundo. Certamente o encontrarão.”

Eu já não tinha nenhum desejo de viver. Passava as noites à janela, olhando o céu: “Vássienka, o que eu faço? Eu não quero viver sem você”. De dia passava pelo jardim de infância, parava, ficava ali... Observava as crianças por muito tempo. Estava enlouquecendo! E à noite pedia: “Vássia, vou ter um filho. Tenho medo de ficar sozinha. Não aguento mais. Vássienka!”. E no outro dia voltava a pedir: “Vássienka, não preciso de um homem. Não há ninguém melhor que você. Eu quero um filho”.

Eu tinha 25 anos...

Encontrei um homem. Conte tudo a ele. Toda a verdade: que tenho um só amor por toda a vida. Confessei tudo para ele. Nós nos encontrávamos, mas eu nunca o chamei à minha casa, em casa era impossível. Lá havia Vássia.

Eu trabalhava numa confeitaria. Fazia tortas, e as lágrimas caíam. Eu não chorava, as lágrimas é que caíam. Só pedi uma coisa às outras moças: “Não tenham pena de mim. Se tentarem me consolar, vou embora”. Eu queria ser como todo mundo. Não queria consolo. Houve um tempo em que fui feliz.

Trouxeram a medalha de Vássia, de cor vermelha. Eu não podia olhá-la por muito tempo, as lágrimas caíam.

Tive um filho. Andrei... Andreika. As amigas me alertavam: “Você não deve ter filhos”. E os médicos se assustavam: “O seu organismo não suportará”. Depois... Depois, disseram que a criança nasceria sem mão. Sem a mão direita. Via-se pelo aparelho. “Bem, e daí?”, eu pensava. “Vou ensiná-lo a escrever com a mão esquerda.” Mas nasceu normal, um menino lindo. Já vai à escola e tira notas

excelentes. Agora eu tenho alguém por quem respirar e viver. É a luz da minha vida. Ele compreende tudo perfeitamente: “Mamãe, se eu for à casa da vovó por dois dias, você conseguirá respirar?”. Não consigo! Tenho medo de me separar dele por um dia.

Estávamos caminhando pela rua, e senti que estava caindo... Foi quando tive o primeiro ataque, ali, na rua. “Mamãe, quer um pouco de água?” “Não, fique do meu lado. Não vá a parte alguma.” E agarrei a mão dele. Depois disso, não me lembro de nada. Abri os olhos no hospital. Agarrei-o com tanta força que os médicos tiveram dificuldade em soltar os meus dedos. E a mão dele ficou azul por algum tempo. Agora, quando saímos de casa, ele me pede: “Mamãe, não me segure pela mão. Eu nunca vou me afastar de você”.

Ele também adoece: vai duas semanas à escola e passa duas em casa, com o médico. E vamos vivendo. Tememos um pelo outro. E em todos os cantos está Vássia. As suas fotografias... À noite, converso com ele sem parar. Às vezes, ele me pede em sonho: “Mostre-me o nosso filhinho”. E Andrei e eu vamos vê-lo. E ele traz pela mão a nossa filhinha. Sempre com a pequena. Sempre brincando com ela.

Assim vou vivendo. Vivo ao mesmo tempo num mundo real e irreal. Não sei onde me sinto melhor. (Levanta-se e se aproxima da janela.)

Aqui nós somos muitos, ocupamos toda uma rua. Chama-se “a rua de Tchernóbil”. Essa gente trabalhou a vida toda na central nuclear. Muitos até hoje vão ali fazer guarda; na central só há turnos de guarda. Ninguém mais vive ali nem viverá, nunca mais. Muitos sofrem de enfermidades terríveis, são inválidos, mas não deixam a central, têm medo até de pensar que ela possa fechar. Não imaginam a vida sem o reator, o reator é a vida deles. E para que mais eles serviriam hoje?

Muitos vão morrendo. Morrem de repente. Caminhando. Estão andando e caem mortos. Adormecem e não acordam mais. Está levando flores para uma enfermeira, e o coração para. Está no ponto de ônibus... Estão morrendo, e ninguém lhes perguntou de verdade sobre o que aconteceu. Sobre o que sofremos, o que vimos. As pessoas não querem ouvir falar da morte. Dos horrores...

Mas eu falei do amor... De como eu amei.

Liudmila Ignátienko, esposa do bombeiro falecido Vassili Ignátienko

Entrevista da autora consigo mesma sobre a história omitida e sobre por que Tchernóbil desafia a nossa visão de mundo

“Sou testemunha de Tchernóbil. O principal acontecimento do século XX, além das terríveis guerras e revoluções que já marcam essa época. Passaram-se vinte anos desde a catástrofe, mas até hoje me persegue a pergunta: eu sou testemunha do quê, do passado ou do futuro? É tão fácil deslizar para a banalidade. Para a banalidade do horror. Mas olho para Tchernóbil como para o início de uma nova história; Tchernóbil não significa apenas conhecimento, mas também pré-conhecimento, porque o homem pôs em discussão a sua concepção anterior de si mesmo e do mundo. Quando falamos de passado e futuro, imiscuímos nessas palavras a nossa concepção de tempo, mas Tchernóbil é antes de tudo uma catástrofe do tempo. Os radionuclídeos espalhados sobre a nossa terra viverão cinquenta, cem, 200 mil anos. Ou mais. Do ponto de vista da vida humana, são eternos. Então, o que somos capazes de entender? Está dentro da nossa capacidade alcançar e reconhecer um sentido nesse horror que ainda desconhecemos?

“De que trata o livro? Por que o escrevi?

“Este livro não é sobre Tchernóbil, mas sobre o mundo de Tchernóbil. Sobre o evento propriamente, já foram escritos milhares de páginas e filmados centenas de milhares de metros em película. Quanto a mim, eu me dedico ao que chamaria de história omitida, aos rastros imperceptíveis da nossa passagem pela Terra e pelo tempo. Escrevo os relatos da cotidianidade dos sentimentos, dos pensamentos e das palavras. Tento captar a vida cotidiana da alma. A vida ordinária de pessoas

comuns. Aqui, no entanto, nada é ordinário: nem as circunstâncias nem as pessoas que, obrigadas pelas circunstâncias, colonizaram esse novo espaço, vindo a assumir uma nova condição. Tchernóbil para elas não é uma metáfora ou um símbolo, mas a sua casa. Quantas vezes a arte ensaiou o Apocalipse, experimentou diversas versões tecnológicas do fim do mundo, mas agora sabemos com certeza que a vida é mais fantástica ainda.

“Um ano depois da catástrofe, alguém me perguntou: ‘Todos estão escrevendo. Mas você, que vive aqui, não escreve. Por quê?’. Eu não sabia como escrever sobre isso, com que ferramentas, a partir de que perspectiva. Se antes, quando escrevia os meus livros, eu observava o sofrimento dos outros, dessa vez éramos, a minha vida e eu, parte do acontecimento. Fundiram-se numa só coisa, não havia distância. O nome do meu país, pequeno e perdido na Europa, quase nunca pronunciado no mundo, passou a ecoar em todas as línguas; o meu país converteu-se no diabólico laboratório de Tchernóbil, e nós, bielorrussos, no povo de Tchernóbil. Onde quer que eu fosse, olhavam com curiosidade: ‘Ah, você é de lá? O que está acontecendo?’.

“É claro que eu poderia ter escrito um livro rapidamente, uma obra como as que logo começaram a sair, uma depois da outra: o que aconteceu naquela noite na central, quem é culpado, como o acidente foi ocultado do mundo e da própria população, quantas toneladas de areia e concreto foram necessárias para construir o sarcófago sobre o reator mortífero... Mas havia algo que me detinha. Algo que me segurava a mão. O quê? Uma sensação de mistério. Essa impressão que se instalou como um raio em nosso foro íntimo impregnava tudo: as nossas conversas, as nossas ações, os nossos temores, e seguia os passos dos acontecimentos. O acontecimento se assemelhava a um monstro. Em todos nós se instalou, explicitamente ou não, o sentimento de que havíamos alcançado o nunca visto.

“Tchernóbil é um enigma que ainda tentamos decifrar. Um signo que não sabemos ler. Talvez um enigma para o século XXI. Um desafio para o nosso tempo. Tornou-se evidente que, além dos desafios religiosos, comunistas e nacionalistas em meio aos quais vivíamos e sobrevivíamos, nos aguardavam novos desafios mais selvagens e totais, embora ainda ocultos aos nossos olhos. No entanto, depois de Tchernóbil algo se deixou entrever.

“Na noite de 26 de abril de 1986... Em apenas uma noite nos deslocamos para outro lugar da história. Demos um salto para uma nova realidade, uma realidade que está acima do nosso saber e acima da nossa imaginação. Rompeu-se o fio do tempo... O passado de súbito surgiu impotente, não havia nada nele em que pudéssemos nos apoiar; e no arquivo onipotente (assim acreditávamos) da humanidade, não se encontrou a chave que abria a porta. Mais de uma vez ouvi naqueles dias: ‘Não encontro palavras para expressar o que eu vi e vivi’; ‘Ninguém antes me contou nada parecido’; ‘Nunca li nada semelhante em livro algum, nem vi algo assim em filme algum’. Entre o momento em que aconteceu a catástrofe e o

momento em que começaram a falar dela, houve uma pausa. Um momento de mudez. E todos se lembram dele...

“Nas altas esferas, decisões eram tomadas, instruções secretas eram passadas, os helicópteros subiam aos céus, uma enorme quantidade de caminhões militares se deslocava pelas estradas; embaixo, esperavam-se as ordens e temiam-se, vivia-se de rumores, mas todos guardavam silêncio sobre o principal: o que de fato havia acontecido? Não se encontravam palavras para novos sentimentos, e não se encontravam sentimentos para novas palavras, as pessoas não ousavam ainda se expressar, mas aos poucos emergia da atmosfera uma nova maneira de pensar; é assim que hoje podemos definir aquele nosso estado. Os fatos já não bastavam, devia-se olhar além dos fatos, penetrar no significado do que acontecia. Estávamos sob o efeito da comoção. E eu buscava essa pessoa abalada... E ela pronunciava um texto novo... As vozes por vezes irrompiam como de um sonho ou de um pesadelo, de um mundo paralelo.

“Diante do acidente de Tchernóbil, todo mundo se punha a filosofar. Todos se tornavam filósofos. As igrejas ficaram repletas de crentes e de pessoas ainda havia pouco ateias, as quais buscavam respostas que não podiam obter da física e da matemática. O mundo tridimensional se abriu, e eu já não encontrava aqueles valentões que haviam jurado sobre a Bíblia do materialismo. Incendiou-se a chama da eternidade. Calaram-se os filósofos e os escritores, expulsos dos seus canais habituais da cultura e da tradição. Naqueles primeiros dias, era mais interessante conversar não com cientistas, funcionários ou militares com muitas medalhas, e sim com os velhos camponeses. Gente que vivia sem Tolstói e Dostoiévski, sem internet, mas cuja consciência de algum modo continha uma nova imagem de mundo. E ela não se destruiu.

“Teria sido mais fácil nos acostumar à situação de uma guerra atômica como a de Hiroshima, pois sempre nos preparamos para ela. Mas a catástrofe aconteceu num centro atômico não militar, e nós éramos pessoas do nosso tempo e acreditávamos, tal como nos haviam ensinado, que as centrais nucleares soviéticas eram as mais seguras do mundo, que poderiam ser construídas até mesmo na Praça Vermelha. O átomo militar era o de Hiroshima e Nagasaki, o átomo da paz era o da lâmpada elétrica de cada casa. Ninguém imaginava que ambos os átomos, o de uso militar e o de uso pacífico, fossem gêmeos. Que houvesse correspondência. Nós nos tornamos mais sábios, o mundo todo vem se tornando mais inteligente, mas depois de Tchernóbil. Hoje cada bielorrusso é uma espécie de ‘caixa-preta’ viva, registra as informações para o futuro. Para todos.

“Eu levei muitos anos escrevendo este livro. Quase vinte anos. Encontrei e conversei com ex-trabalhadores da central, cientistas, médicos, soldados, evacuados, residentes ilegais em zonas proibidas. Com aqueles para quem Tchernóbil representa o conteúdo fundamental do mundo, cujo interior e entorno, e não só a terra e a água, Tchernóbil envenenou. Essas pessoas conversavam, buscavam respostas. Nós

pensávamos juntos. Frequentemente tinham pressa, temiam não chegar ao fim, eu ainda não sabia que o preço do seu testemunho era a vida. ‘Anote’, repetiam eles. ‘Nós não compreendemos tudo o que vimos, mas deixe assim. Alguém lerá e entenderá. Mais tarde. Depois de nós...’ Tinham razão em ter pressa; muitos deles já não estão entre os vivos. Mas conseguiram mandar um sinal...

“Tudo o que conhecemos sobre o horror e o medo tem mais a ver com a guerra. O gulag stalinista e Auschwitz são recentes aquisições do mal. A história sempre foi a história das guerras e dos caudilhos, e a guerra se tornou, como costumamos dizer, a medida do horror. Por isso as pessoas confundem os conceitos de guerra e catástrofe. Em Tchernóbil, pode-se dizer que estão presentes todos os sinais da guerra: muitos soldados, evacuação, locais abandonados. A destruição do curso da vida. As informações sobre Tchernóbil nos jornais estão cheias de termos bélicos: átomo, explosão, heróis... E isso dificulta o entendimento de que nos encontramos diante de uma história nova: teve início a história das catástrofes... Mas o homem não quer pensar nisso, porque nunca ninguém pensou nisso antes. Esconde-se atrás do que já é conhecido. Atrás do passado. Até os monumentos aos heróis de Tchernóbil parecem militares...

“Na minha primeira visita à zona, os jardins floresciam, a relva jovem brilhava alegremente à luz do sol. Os pássaros cantavam. Um mundo tão... tão familiar. O meu primeiro pensamento foi que tudo estava no lugar, tudo era como antes. A mesma terra, a mesma água, as mesmas árvores. As formas, as cores e os aromas eram eternos e ninguém seria capaz de modificá-los. Mas já no primeiro dia me explicaram que não se deve arrancar flores, que é melhor não se sentar na terra e tampouco beber a água dos mananciais. À tardinha, observei os pastores conduzindo o rebanho cansado ao rio; as vacas, ao se aproximarem da água, imediatamente retrocediam. De algum modo intuía o perigo. E os gatos, me diziam, deixaram de comer os ratos mortos, que se amontoavam no campo e nos pátios. A morte se escondia por toda parte, mas era um tipo diferente de morte, com uma nova máscara. Com aspecto falso.

“O homem se surpreendeu, não estava preparado para isso. Não estava preparado como espécie biológica, pois todo o seu instrumental natural, os sentidos constituídos para ver, ouvir e tocar, não funcionava... Os sentidos já não serviam para nada; os olhos, os ouvidos e os dedos já não serviam, não podiam servir, porque a radiação não se vê, não tem odor nem som. É incorpórea. Passamos a vida lutando e nos preparando para a guerra, tão bem a conhecíamos, e, de súbito, isso! A imagem do inimigo se transformou. Surgiu diante de nós um outro inimigo... Inimigos... que tocavam a relva ceifada, o peixe pescado, a caça aprisionada. As maçãs... O mundo à nossa volta, antes maleável e amistoso, agora infundia pavor. As pessoas mais velhas, ao serem evacuadas e ainda sem perceber que isso seria para sempre, olhavam para o céu e diziam: ‘O sol está brilhando, não se vê fumaça nem gás. Não se escutam tiros. Como isso pode ser uma guerra? No

entanto, devemos nos tornar refugiados'. O conhecido — desconhecido — mundo.

“Como entender onde estamos? O que aconteceu? Aqui... Agora... Não há a quem perguntar...

“Na zona e ao redor da zona, a enorme quantidade de equipamentos militares era assombrosa. Soldados em formação marchando com as suas armas novinhas em folha. Com todos os acessórios de combate. Não sei bem por quê, das armas me recordo mais que tudo, e não dos helicópteros e dos blindados. Das armas... De pessoas armadas na zona. Em quem eles poderiam atirar ali? De quem iriam se defender? Da física? Das partículas invisíveis? Metralhar a terra contaminada ou as árvores? A KGB trabalhava na central. Procuravam espões e terroristas, corria o rumor de que o acidente fora resultado de uma ação planejada pelos serviços secretos ocidentais a fim de minar o bloco socialista. Era preciso se manter vigilante.

“Esse cenário de guerra... Essa cultura da guerra ruiu aos meus olhos. Ingressamos num mundo opaco, onde o mal não dá explicações, não se revela e não conhece leis.

“Eu vi como o homem pré-Tchernóbil se converteu no homem de Tchernóbil.

“Mais de uma vez — e aqui há o que se pensar — escutei a opinião de que o comportamento dos bombeiros que apagaram o incêndio da primeira noite na central atômica, assim como o dos liquidadores, assemelhava-se a um suicídio. Um suicídio coletivo. Os liquidadores, via de regra, trabalharam sem roupas especiais de proteção, dirigiram-se sem protestar para lá, onde morriam os robôs, esconderam deles a verdade sobre as altas doses recebidas, e eles se resignaram a isso, e ainda se alegraram ao receber os diplomas e as medalhas que o governo lhes conferiu pouco antes de morrerem. Muitos nem chegaram a recebê-las. Então, o que são eles, heróis ou suicidas? Vítimas das ideias e da educação soviética? Por alguma razão, esquece-se, com o tempo, de que eles salvaram o país. De que salvaram a Europa. Imagine por um segundo o quadro, caso o incêndio tivesse se espalhado e os outros três reatores houvessem explodido...

“Eles são heróis. Heróis de uma história nova. Comparam-nos aos heróis das batalhas de Stalingrado ou de Waterloo, mas eles salvaram algo mais importante que a sua pátria, salvaram a vida. O tempo da vida. O tempo vivo. Com Tchernóbil, o homem levantou a mão contra tudo, atentou contra toda a criação divina, onde vivem, além do homem, milhares de outros seres vivos. Animais e plantas.

“Quando fui vê-los, escutei os relatos sobre como eles (os primeiros e pela primeira vez!) levaram adiante a tarefa inédita, humana e desumana, de enterrar a terra com a terra, ou seja, de cobrir com terra as camadas contaminadas e os seus habitantes — escaravelhos, aranhas, larvas —, confinando-os em bunkers de concreto especiais. Havia uma enorme diversidade de insetos, cujos nomes eles nem sabiam ou não conheciam. Esses homens tinham uma compreensão totalmente distinta da morte, que estendiam a todas as coisas, dos pássaros às borboletas; o seu

mundo já era um outro mundo, um mundo com um novo direito à vida, com uma nova responsabilidade e um novo sentimento de culpa. Nos seus relatos, frequentemente se apresenta o tema do tempo, nas expressões ‘primeira vez’, ‘nunca mais’, ‘para sempre’. Lembram-se das aldeias desertas por que passaram, encontrando por vezes idosos solitários que haviam se recusado a partir com os outros, ou que mais tarde haviam regressado do exílio: homens que viviam à luz da lamparina, que ceifavam com a gadanha e a foice, que cortavam lenha com o machado, que dirigiam as preces aos animais e aos espíritos. A Deus. Tudo como há duzentos anos, enquanto naves espaciais sulcavam o céu.

“O tempo mordeu o próprio rabo, o início e o fim se tocaram. Para aqueles que lá estiveram, Tchernóbil não terminava em Tchernóbil. Esses homens não regressaram de uma guerra, mais parece que voltaram de outro planeta... Eu compreendi que de maneira totalmente consciente aqueles homens convertiam os seus sofrimentos em novo conhecimento. Presenteavam-nos, dizendo: vocês haverão de fazer algo com isso, saberão como empregá-lo.

“Há um monumento aos heróis de Tchernóbil. É o sarcófago que construíram com as próprias mãos e no qual depositaram a chama nuclear. Uma pirâmide do século XX.

“Na terra de Tchernóbil, sente-se pena do homem. Mas o bicho dá mais pena ainda... Não estou denegrindo, vou explicar. O que restou na zona morta depois que as pessoas foram embora? As velhas tumbas e as fossas biológicas, como chamam os cemitérios de animais. O homem só salvou a sua pele, todo o resto ele atraíçou. Depois que as populações partiram das aldeias, pelotões de soldados e caçadores foram lá e abateram os animais. E os cachorros acorriam à voz humana, e também os gatos... E os cavalos não podiam entender nada. E eles não tinham culpa, nem as feras nem os pássaros, e morriam em silêncio, isso é ainda mais terrível. Houve um tempo em que os índios do México e mesmo as populações russas pré-cristãs pediam perdão aos animais e aos pássaros quando os sacrificavam para se alimentar. No Egito antigo, o animal tinha direito a se queixar do homem. Num dos papíros guardados nas pirâmides está escrito: ‘Não há nenhuma queixa do touro contra N’. Antes de partir para o reino dos mortos, os egípcios liam uma prece que dizia: ‘Não ofendi nenhum animal. E não o privei nem de grão nem de erva’.

“O que a experiência de Tchernóbil nos deu? Terá nos conduzido a esse mundo secreto e silencioso dos ‘outros’?

“Certa vez, vi como os soldados entraram numa aldeia já evacuada e começaram a atirar. Os gritos impotentes dos animais... Eles gritavam nas suas diversas línguas. Sobre isso já se escreveu no Novo Testamento. Jesus Cristo chegou ao templo de Jerusalém e lá viu animais preparados para o ritual de sacrifício: com o pescoço cortado, esvaindo-se em sangue. Jesus gritou: ‘Haveis convertido a casa de orações em covil de bandidos’. Poderia ter acrescentado: ‘em matadouro’. Para mim, as centenas de fossas biológicas abandonadas na zona são o mesmo que os



túmulos funerários da Antiguidade. Mas dedicados a que deuses? Ao deus da ciência e do conhecimento ou ao deus do fogo? Nesse sentido, Tchernóbil foi mais longe que Auschwitz e Kolimá. Mais longe que o Holocausto. Tchernóbil sugere um ponto final. Não se apoia em nada.

“Observo o mundo ao redor com outros olhos. Uma pequena formiga se arrasta pela terra, e ela agora me é próxima. Um pássaro voa no céu e também me é próximo. Entre mim e eles, o espaço se reduziu. Não há mais o abismo de antes. Tudo é vida.

“Lembro-me também do que me contou um velho apicultor (e depois ouvi de outras pessoas): ‘Saí pela manhã ao jardim e notei que faltava algo, faltava o som familiar. Nem sequer uma abelha... Eu não ouvia nem uma abelha! Nem uma! O que é isso? O que está acontecendo? No segundo dia, elas não voaram. E também no terceiro... Depois nos informaram que tinha acontecido um acidente na central atômica, que era perto. Durante muito tempo não soubemos de nada. As abelhas sabiam, mas nós não. Agora, se noto algo estranho, vou observá-las. Nelas está a vida’.

“Outro exemplo. Eu conversava com pescadores junto ao rio e eles me contaram: ‘Nós esperávamos que nos explicassem pela televisão, que dissessem como nos salvar. E as minhocas. Minhocas comuns. Elas entravam na terra, desciam fundo, meio metro, talvez um metro. E nós não entendíamos. Nós cavávamos, cavávamos. Não conseguíamos nenhuma minhoca para pescar’.

“Quem de nós é o primeiro, quem está mais sólida e eternamente ligado à terra, nós ou eles? Devíamos aprender com eles como sobreviver. E como viver.

“Confluíram duas catástrofes: a social — aos nossos olhos arruinou-se a União Soviética, submergiu sob as águas o gigantesco continente socialista — e a cósmica — Tchernóbil. Duas explosões globais. A primeira nos é mais próxima, mais compreensível. As pessoas estão preocupadas com o dia a dia, com o cotidiano: o que comprar, aonde ir? No que acreditar? Levantar-se novamente sob que bandeira? Ou será preciso aprender a viver para si, viver a sua vida? Já a última nos é desconhecida, não sabemos o que fazer, porque ninguém nunca viveu assim. Isso é algo que experimentamos todos e cada um. Gostaríamos de esquecer Tchernóbil, porque diante dele a nossa consciência capitula. É uma catástrofe da consciência. O mundo das nossas representações e valores explodiu. Se tivéssemos vencido Tchernóbil ou compreendido o fenômeno até o fim, pensaríamos e escreveríamos mais a respeito. E assim, vivemos em um mundo enquanto nossa consciência vive em outro. A realidade resvala, não cabe no homem.

“Sim. Não há meio de alcançar a realidade...

“Um exemplo. Até hoje usamos os termos antigos: ‘longe-perto’, ‘próprio-alheio’... Mas o que significa longe e perto depois de Tchernóbil, quando já no quarto dia as suas nuvens sobrevoavam a África e a China? A Terra parece tão pequena, não é mais aquela Terra do tempo de Colombo. Infinita. Hoje possuímos outra

sensação de espaço. Vivemos num espaço arruinado. E ainda... Nos últimos cem anos, o homem passou a viver mais, mas o seu tempo de vida continua a ser minúsculo e insignificante se comparado à vida dos radionuclídeos instalados na nossa terra. Muitos deles viverão mil anos. Impossível atingirmos tamanha dimensão! Diante disso, experimenta-se uma nova sensação de tempo. E tudo é Tchernóbil. As suas marcas. O mesmo ocorre nas nossas relações com o passado, com a ficção científica, com o conhecimento... O passado se faz impotente; a única coisa que se salva no nosso conhecimento é saber que nada sabemos. Está acontecendo uma perestroika, uma reestruturação dos sentimentos...

“Agora, em lugar das frases habituais de consolo, o médico diz à esposa sobre o marido moribundo: ‘Não se aproxime! Você não deve beijá-lo! Não deve acariciá-lo! Ele já não é a pessoa amada, mas um elemento que deve ser desativado’. Aqui, até Shakespeare emudece. E também o grande Dante. Beijar ou não beijar, eis a questão. Aproximar-se ou não se aproximar? Uma das minhas heroínas (grávida naquele momento) nunca deixou de se aproximar do marido e beijá-lo, e não o abandonou até a morte. Por essa ousadia, ela pagou com a saúde e com a vida da filha. Mas como escolher entre o amor e a morte? Entre o passado e o presente desconhecido? E quem poderá condenar as esposas e mães que não ficaram ao lado dos maridos e filhos? Ao lado de elementos radiativos? No seu mundo, o amor se modificou. E também a morte.

“Tudo se modificou, menos nós.

“Para que um acontecimento se torne história, são necessários uns cinquenta anos. Mas nesse caso as marcas ainda estarão quentes.

“A zona é um mundo à parte. Outro mundo em meio ao restante da Terra. Primeiro foi inventada pelos escritores de ficção científica, mas a literatura cedeu o passo à realidade. Agora já não podemos mais crer, como os heróis de Tchêkhov, que dentro de cem anos o ser humano será maravilhoso. Que a vida será maravilhosa! Esse futuro nós já perdemos. Nesses cem anos houve o gulag de Stálin, Auschwitz, Tchernóbil. O Onze de Setembro de Nova York. É incompreensível como se sucederam tantos fatos, como couberam na vida de uma geração, nas suas proporções. Na vida do meu pai, por exemplo, que está com 83 anos. E o homem sobreviveu!

“Destino é a vida de um homem, história é a vida de todos nós. Eu quero narrar a história de forma a não perder de vista o destino de nenhum homem.

“Antes de tudo, em Tchernóbil se recorda a vida ‘depois de tudo’: objetos sem o homem, paisagem sem o homem. Estradas para lugar nenhum, cabos para parte alguma. Você se pergunta o que é isso: passado ou futuro?

“Algumas vezes, parece que estou escrevendo o futuro...”